Português

Literatura – Portuguesa – Pós-Modernismo – [Fácil]

01 - (UFPA)

No conto “Embargo”, de José Saramago, a vida na cidade submete o homem aos objetos. Em uma época em que problemas políticos e econômicos embargam a distribuição de gasolina, o automóvel adquire vida e vontade próprias, dominando o homem. Leia o fragmento desse conto abaixo transcrito.

[01]Se encontrasse um posto de abastecimento a [02]funcionar, aproveitaria. Pelo seguro, com todas [03]as voltas que tinha que dar antes de ir para o [04]escritório, melhor de mais que de menos. Este [05]estúpido embargo. O pânico, as horas de espera, [06]filas de dezenas e dezenas de carros. Meio [07]depósito. Outros andam a essa hora com muito [08]menos, mas se for possível atestar. [...] Ali perto [09]havia uma bomba pouco conhecida, talvez [10]tivesse sorte. Como um perdigueiro que acode ao [11]cheiro, o carro insinuou-se por entre o trânsito, [12]voltou duas esquinas e ocupou espaço na fila que [13]esperava. Boa lembrança.

[14]Olhou o relógio. Deviam estar à frente uns vinte [15]carros. Nada de exagerado. Mas pensou que [16]seria melhor ir ao escritório e deixar as voltas [17]para a tarde, já cheio o depósito, sem [18]preocupações. Baixou o vidro para chamar um [19]vendedor de jornais que passava. O tempo [20]arrefecera muito. Mas ali, dentro do automóvel, [21]de jornal aberto sobre o volante, fumando [22]enquanto esperava, havia um calor agradável, [23]como o dos lençóis. Fez mover os músculos das [24]costas, com uma torção de gato voluptuoso, ao [25]lembrar-se da mulher ainda enroscada na cama [26]àquela hora, e recostou-se melhor no assento.

SARAMAGO, José. *Objeto quase. São*

Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Nesse fragmento, a passagem que indica a transformação do carro é:

a) “O pânico, as horas de espera, filas de dezenas e dezenas de carros. Meio depósito. Outros andam a essa hora com muito menos, mas se for possível atestar.” (refs. 05 a 08)

b) “Como um perdigueiro que acode ao cheiro, o carro insinuou-se por entre o trânsito, voltou duas esquinas e ocupou espaço na fila que esperava. Boa lembrança.” (refs. 10 a 13)

c) “O tempo arrefecera muito. Mas ali, dentro do automóvel, de jornal aberto sobre o volante, fumando enquanto esperava, havia um calor agradável, como o dos lençóis.” (refs. 19 a 23)

d) “Se encontrasse um posto de abastecimento a funcionar, aproveitaria. Pelo seguro, com todas as voltas que tinha que dar antes de ir para o escritório, melhor de mais que de menos.” (refs. 01 a 04)

e) “Deviam estar à frente uns vinte carros. Nada de exagerado. Mas pensou que seria melhor ir ao escritório e deixar as voltas para a tarde, já cheio o depósito, sem preocupações.” (refs. 14 a 18)

02 - (UNIRG TO)

Leia o seguinte trecho.

Os bons e os maus resultados dos nossos ditos e obras vão-se distribuindo, supõe-se que de uma forma bastante uniforme e equilibrada, por todos os dias do futuro, incluindo aqueles, infindáveis, em que já cá não estaremos para poder comprová-lo, para congratular-nos ou pedir perdão, aliás, há quem diga que isso é que é a imortalidade de que tanto se fala, Será, mas este homem está morto e é preciso enterrá-lo.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das.

Letras, 1995.

Deduz-se da leitura desse excerto e da obra Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, que

a) as boas e más consequências de nossas ações cotidianas se dispersam simultaneamente até a chegada da cegueira, momento em que findam as maldades de um homem.

b) a fronteira entre ter a visão e ser tomado pela cegueira permite a esta uma abnegação, que se perpetua devido à irreversibilidade da epidemia que assola a cidade.

c) a relação deste trecho com o enredo global da obra está no sentido conotativo estabelecido pela cegueira, que, como representação da morte, apaga tanto os feitos bons quanto os maus.

d) as práticas sociais traçam o perfil dos homens, mas não se pode determinar o que permanece como memória e imagem das pessoas, fatores estes que não morrem.

03 - (PUC GO)

Da condição humana

A minha condição de escritor está indissoluvelmente comprometida à minha condição de estar preso, de estar vivendo há dez anos num presídio. Mais que um paradoxo, trata-se de um oxímoro. Foi o processo de desfazer-me das amarras sociais, dos medos e das vergonhas que me abriram as possibilidades de me encontrar com a palavra, como forma de expressar o mundo.

Durante anos alimentei a ideia de sair daqui. Durante anos imaginei estar nas ruas, tomar sorvete na praça, ir ao cinema aos domingos, comer ovos mexidos com bacon frito saídos na hora, prosear sem pressa com amigos no bar da esquina e até discutir questões sem importância com pessoas que nunca vi. Durante anos alimentei a ideia de sair daqui. E agora, que acabo de pegar meus poucos pertences que há muito não usava, descobri que meus valores pessoais mudaram. Meus documentos (CPF, RG, CH), meu relógio, minha carteira contendo fotos de minha filha e de minha mãe, alguns pequenos bilhetes que julgava imprescindíveis, alguns endereços, tudo isso dentro de um saquinho de plástico. Além disso, um velho canivete que guardava desde a adolescência por ter ganhado de meu pai. Esses eram os índices de minha existência para a sociedade. Interessante que entre a penitenciária e a UTI de um hospital não há grandes diferenças. Ambos ficam com nossos objetos pessoais por algum tempo. Na verdade, é fundamental que se inverta essa comparação. Há algumas similaridades e grandes diferenças. [...]

(GONÇALVES, Aguinaldo. Das estampas.
São Paulo: Nankin, 2013. p. 139.)

O trecho de “Da condição humana” (Texto 4), do livro **Das Estampas**, de Aguinaldo Gonçalves, faz alusão à fronteira que há entre o homem comum e o escritor, fronteira que pode se estender pela leitura mais aprofundada do trecho.

Marque a alternativa correta, observando o que foi afirmado anteriormente e o que será dito em seguida:

a) O trecho citado faz uma comparação entre dois ambientes: a penitenciária e a UTI hospitalar. Com isso, ele afirma, metaforicamente, que a vida de escritor é tão somente uma reclusão em que não se tem escolha.

b) Vê-se nesse trecho a confirmação de que a similaridade entre dois lugares, aparentemente tão diferentes, é muito grande, uma vez que, penitenciária e UTI são tomados como espaços de expiação imprescindíveis a quem quer alcançar sucesso na vida.

c) O trecho sugere, literariamente, a condição do escritor ao aludir metaforicamente a pontos capitais da condição humana, como desfazer-se das amarras sociais, dos medos e das vergonhas. Ir ao cinema, documentos identificatórios, bar da esquina e muitos outros objetos, ações e atitudes tomam outra dimensão na voz do escritor.

d) Na verdade, o trecho nos reporta a um dilema muito grande de quem quer se tornar escritor: abandonar toda a história passada e seguir um novo rumo ou abdicar de um sonho para não ter de deixar pertences pessoais e pessoas queridas.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 4

Texto V

"Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas começavam a murmurar, Que rei temos nós, que não atende), é que (...)"

José Saramago (São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 5).

04 - (UFJF MG)

Pode-se afirmar que há, nesse fragmento:

a) uma metáfora, que valoriza a democracia como a melhor forma de se manter o poder.

b) uma ironia, que mostra uma tendência de se usar o poder político em benefício próprio.

c) uma contradição, que revela os principais traços do sistema monárquico.

d) uma fábula, que mostra o rei como mendigo que sempre queria receber favores.

e) uma analogia, que coloca a casa do rei como um palácio sempre aberto, acessível.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 5

Texto I

Cessem do sábio Grego e do Troiano

As navegações grandes que fizeram,

[...]

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,

Que outro valor mais alto se alevanta.

Luís Vaz de Camões, **Os Lusíadas.**

Texto II

Cesse de uma vez meu vão desejo

de que o poema sirva a todas as fomes.

[...]

letras eu quero é pra pedir emprego,

agradecer favores,

escrever meu nome completo.

O mais são as mal-traçadas linhas.

Adélia Prado, "O que a musa eterna canta".

05 - (Mackenzie SP)

No texto II, o eu-lírico

a) reaproveita ironicamente a linguagem camoniana, para relativizar a necessidade e a importância do canto poético.

b) retoma o discurso grandiloqüente de **Os Lusíadas**, adequado para expressar o heroísmo presente no cotidiano das pessoas humildes.

c) incorpora ao poema a dicção clássica, não só parafraseando o verso camoniano, mas também imitando o padrão formal do século XVI.

d) recusa a forte influência que a tradição lírica quinhentista exerceu sobre a literatura brasileira.

e) manifesta, sarcasticamente, sua compreensão de que os poetas, desde a Antiguidade, sempre consideraram o poema como algo supérfluo.

TEXTO: 3 - Comum às questões: 6, 7

O aspecto das ruas piorava a cada hora que ia passando. O lixo parecia multiplicar-se durante as horas nocturnas, era como se do exterior, de algum país desconhecido onde ainda houvesse uma vida normal, viessem pela calada despejar aqui os contentores, não fosse estarmos em terra de cegos veríamos avançar pelo meio desta branca escuridão as carroças e os camiões fantasmas carregados de detritos, sobras, destroços, depósitos químicos, cinzas, óleos queimados, ossos, garrafas, vísceras, pilhas cansadas, plásticos, montanhas de papel, só não nos trazem restos de comida, nem sequer umas cascas de frutos com que pudéssemos ir enganando a fome, à espera daqueles dias melhores que sempre estão para chegar. A manhã vai ainda no princípio, mas o calor já se sente. O mau cheiro desprende-se da imensa lixeira como uma nuvem de gás tóxico, Não tarda que apareçam por aí umas quantas epidemias, voltou a dizer o médico, não escapará ninguém, estamos completamente indefesos [...].

José SARAMAGO, **Ensaio sobre a cegueira**.

06 - (UFU MG)

Ainda sobre o trecho de *Ensaio sobre a cegueira* transcrito acima, assinale a alternativa correta.

a) O uso da primeira pessoa do plural em trechos como em “não fosse estarmos em terra de cegos veríamos avançar pelo meio desta branca escuridão” indica que o narrador participa como personagem da ação narrada no romance.

b) O uso de termos banais como “depósitos químicos”, “óleos queimados” “vísceras”, “plásticos”, “lixeira”, “gás tóxico”, “epidemias”, entre outros, configura um texto desencantado e despido de toda a estética literária.

c) O trecho apresenta algumas características bastante peculiares do estilo narrativo de Saramago, tais como o uso de períodos longos, a presença do discurso indireto livre e a alternância constante de foco narrativo.

d) No final do excerto, a palavra “Não” usada em maiúscula, logo depois de uma vírgula, tem a função de realçar e de acentuar todo o negativismo com que o médico analisa as chances de a humanidade sobreviver.

07 - (UFU MG)

Sobre o trecho acima, assinale a alternativa correta.

a) A fala do médico, no fim do trecho, sintetiza a total descrença no ser humano transmitida pelo romance de Saramago, uma vez que nele se demonstra a impossibilidade de a humanidade sobreviver a uma situação catastrófica que viesse a demolir a sociedade tal como a conhecemos.

b) Ao descrever o impacto que a produção industrial tem sobre o meio ambiente, o texto denuncia a completa ineficácia do avanço científico para construir uma sociedade melhor. Por isso, é correto afirmar que *Ensaio sobre a cegueira* vai contra a tecnologia e a ciência.

c) A cidade é apresentada como um espaço de degradação de toda forma de vida, motivo pelo qual os personagens centrais pensam em fugir para o campo, onde poderiam viver dignamente. Quanto a este aspecto, há uma idealização da natureza que permeia todo o romance.

d) O texto baseia-se em dados científicos para construir uma hipótese razoável sobre como se comportaria uma sociedade tomada por uma cegueira repentina. Tal atitude investigativa se repete por todo o livro e é um dos aspectos que explicam sua qualidade de ensaio.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 8

Não Ameis a Distância!

Em uma cidade há um milhão e meio de pessoas, em outra há outros milhões; e as cidades são tão longe uma da outra que nesta é verão quando naquela é inverno. Em cada uma dessas cidades há uma pessoa; e essas pessoas tão distantes acaso pensareis que podem cultivar em segredo, como plantinha de estufa, um amor a distância?

Andam em ruas tão diferentes e passam o dia falando línguas diversas; cada uma tem em torno de si uma presença constante e inumerável de olhos, vozes, notícias. Não se telefonam mais; é tão caro e demorado e tão ruim e além disso, que se diriam? Escrevem-se. Mas uma carta leva dias para chegar; ainda que venha vibrando, cálida, cheia de sentimento, quem sabe se no momento em que é lida já não poderia ter sido escrita?

A carta não diz o que a outra pessoa está sentindo, diz o que sentiu a semana passada... e as semanas passam de maneira assustadora, os domingos se precipitam mal começam as noites de sábado, as segundas retornam com veemência gritando – "outra semana!" e as quartas já têm um gosto de sexta, e o abril de de-já-hoje é mudado em agosto...

Sim, há uma frase na carta cheia de calor, cheia de luz; mas a vida presente é traiçoeira e os astrônomos não dizem que muita vez ficamos como patetas a ver uma linda estrela jurando pela sua existência – e no entanto há séculos ela se apagou na escuridão do caos, sua luz é que custou a fazer a viagem? Direis que não importa a estrela em si mesma, e sim a luz que ela nos manda; e eu vos direi: amai para entendê-las!

Ao que ama o que lhe importa não é a luz nem o som, é a própria pessoa amada mesma, o seu vero cabelo, e o vero pelo, o osso de seu joelho, sua terna e úmida presença carnal, o imediato calor; é o de hoje, o agora, o aqui – e isso não há.

Então a outra pessoa vira retratinho no bolso, borboleta perdida no ar, brisa que a testa recebe na esquina, tudo o que for eco, sombra, imagem, um pequeno fantasma, e nada mais. E a vida de todo dia vai gastando insensivelmente a outra pessoa, hoje lhe tira um modesto fio de cabelo, amanhã apenas passa a unha de leve fazendo um traço branco na sua coxa queimada pelo sol, de súbito a outra pessoa entra em fading um sábado inteiro, está-se gastando, perdendo seu poder emissor a distância.

Cuidai amar uma pessoa, e ao fim vosso amor é um maço de cartas e fotografias no fundo de uma gaveta que se abre cada vez menos... Não ameis a distância, não ameis, não ameis!

(BRAGA, R. 200 crônicas escolhidas.
Rio de Janeiro: Record, 2013. p.435-436.)

08 - (UEL PR)

A respeito do conjunto das crônicas de Rubem Braga indicadas para leitura, assinale a alternativa correta.

a) A linguagem é predominantemente poética, representando, de maneira relevante, o estilo lírico de Rubem Braga a partir de temas extraídos do cotidiano urbano entre o final da década de 1940 e o final da década de 1970.

b) Traz, na maioria dos seus textos, crônicas narrativas com personagens exploradas com teor humorístico. Algumas delas, porém, se debruçam em temas reflexivos, poéticos e metafísicos.

c) Trata-se de uma coletânea de crônicas poéticas de Rubem Braga, escritas entre as décadas de 1980 e 1990, eapresenta como temática central as discussões a respeito do amor, da fidelidade e dos relacionamentos afetivos de modo geral.

d) Rubem Braga é um grande nome da crônica brasileira do século XIX, consagrando-se, ao lado de Machado de Assis, com suas crônicas, apresentando temas urbanos de teor sentimentalista.

e) Rubem Braga procurou, nessas crônicas, mesclar textos humorísticos e poéticos, revelando as preocupações, os sentimentos e as aflições do cotidiano urbano do início do século XX.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 9

Raios de sol ao meio

Mais uma vez ele aparecia na minha frente como se tivesse vindo do nada. Seus olhos eram grandes e negros e pareciam ter nascido bem antes dele. Suas espinhas se agigantavam conforme o ângulo de que eram vistas. Sua orelha era algo indescritível. Além de orelha ela era disforme, meio

redonda e meio achatada nas pontas. Ela era meio várias coisas. Uma orelha monstro. A boca era alguma coisa que só estava ali para cumprir seu espaço no rosto. Era boca porque estava exatamente no lugar da boca. E era a segunda vez que ele me mobilizava. Mas no conjunto de elementos díspares reinava uma sensualidade ímpar que me tirava de mim sem que eu soubesse navegar no outro que em mim surgia. De mim não sabia entender o que emanava para ele em toda a sua estranha vastidão de patologia visual. No meio sol da meia-noite as coisas se anunciaram e antes que a madrugada avançasse a lua em sua metade escondida ardeu com um olhar malicioso e sorriu.

(GONÇALVES, Aguinaldo. Das estampas.
São Paulo: Nankin, 2013. p. 177.)

09 - (PUC GO)

Com base em atenta leitura de "Raio de sol ao meio", de **Das estampas** (Texto), de Aguinaldo Gonçalves, marque, a seguir, a alternativa correta:

a) O narrador personagem constrói gradativamente a figura do outro que lhe surge de forma absurda, grotesca, mas que se harmoniza ao final, gerando uma sensação estranha, inesperada, de ordem subjetiva, tão arrebatadora que o deixa perplexo.

b) O narrador personagem constrói gradativamente uma figura estranha que o deixa perplexo; um rosto em desarmonia completa que gera uma sensação tão estranha e inesperada que, no final, ele muda o foco e fala da lua.

c) Trata-se de uma descrição que faz aflorar o absurdo da face humana, comparada à beleza e à harmonia dos elementos da natureza, sugerindo, nas entrelinhas, uma certa superioridade daquilo que é eterno e imutável.

d) Trata-se de uma descrição detalhada de uma face humana, seguida de uma comparação desse rosto a elementos da natureza, deixando transparecer, por trás das palavras, uma lição de que o que vale mesmo é o caráter e não a aparência.

GABARITO:

1) Gab: B

2) Gab: D

3) Gab: C

4) Gab: B

5) Gab: A

6) Gab: C

7) Gab: D

8) Gab: A

9) Gab: A